



A Globo conta actualmente com oito escritórios de jornalismo, localizados nos Estados Unidos, Israel, França, Reino Unido, China, Alemanha, Itália e Argentina. Com a evolução das tecnologias digitais, o contacto entre a sede da Globo e os repórteres que estão no exterior ficou mais fácil, mais ágil, o que trouxe mudanças à forma de trabalho dos jornalistas.

### **O início da internacionalização: as telenovelas e o telejornalismo**

A partir do *know-how* obtido com a parceria com o grupo Time-Life, a Globo investiu cada vez mais em produções próprias e voltou-se também para o mercado externo, comercializando telenovelas, séries e musicais. Com essa política, atingiu países de todos os continentes.

Mesmo durante a Guerra Fria, não havia fronteiras para as telenovelas da Globo, que ultrapassavam a Cortina de Ferro, obtendo audiência na Hungria e na Polónia, e chegava à China Popular, Cuba e União Soviética. As produções também foram bem recebidas nos mercados da África, Médio Oriente, Austrália, Nova Zelândia e Europa, sobretudo Portugal. No final dos anos 80, as produções da Globo já eram exibidas em 128 países.

A Globo entrou no mercado mundial de comercialização de programas de ficção em 1970, exportando os direitos de emissão de “Véu de Noiva”. Em 1976, a Globo criou um sector para a comercialização internacional de seus produtos, entrando inicialmente na América Latina, tendo a obra *O Bem Amado* sido exibida em 17 países. Depois a RTP, emissora pública de Portugal, comprou os direitos de exibição de *Gabriela* e a novela fez história no país, sendo a precursora de uma revolução que alterou até mesmo o comportamento dos portugueses.

As telenovelas da Globo possuem características próprias, que mudaram com o passar dos anos. Nos anos 50 e 60 as telenovelas no Brasil tinham pouca diferenciação em relação às produções de outros países latino-americanos. Era um campo ainda amador, de pessoas que não conheciam muito bem o novo veículo em que estavam a trabalhar e que tinham raízes profissionais em rádio e cinema. Já no final dos anos 60 e nos anos 70, a telenovela brasileira se profissionalizou, muito também devido à tecnologia, com o advento de cores, do vídeo tape e da possibilidade de uma programação em rede nacional. Isso influenciou o conteúdo das tramas, que se voltaram para as realidades brasileiras (Borelli, 2005).

Apesar de ter um produto diferenciado, a Globo enfrenta a concorrência directa pelo mercado internacional da mexicana Televisa, da venezuelana Cisneros e da argentina Telefé. Em 1999 a Globo teve um lucro de 35 milhões de dólares com a venda internacional de telenovelas (Brittos, 2000).

A lógica que a emissora utiliza para entrar nos mercados internacionais é a mesma usada pelas empresas dos Estados Unidos, que determina preços de acordo com os potenciais mercados, mas em valores inviáveis para a concorrência.

Isso é possível porque a telenovela, que em geral tem entre 150 e 200 capítulos, consegue obter o retorno do investimento feito em apenas dois ou três meses de exibição, por conta dos anúncios nos intervalos comerciais e também das técnicas de venda de publicidade dentro da própria trama, com os actores utilizando serviços e produtos. Essa técnica, em geral, cobre 33% dos custos de uma novela (Borelli, 2005). Mas, se é uma vantagem para o Brasil, é uma desvantagem nos demais países que não têm como inserir publicidade dentro do programa.

No Brasil, a Globo exhibe, de segunda a sábado, quatro capítulos inéditos de novelas diferentes. No fim da tarde é exibida uma novela voltada para o público adolescente. Depois, às 18 horas, a trama que vai para o ar em geral apresenta temas mais familiares. Já às 19h15, é exibida uma novela com ingredientes de humor e acção. Às 20h45 é exibida a principal novela da emissora, que acumula mais investimentos e audiência por ocupar o *prime time*. A emissora também reprisa uma telenovela durante o programa “Vale a Pena Ver de Novo”, logo após o horário do almoço. Há ainda a esporádica produção de minisséries.

Em 1993 a Globo inaugurou o maior centro de produções da América Latina, com 1.300.000 metros quadrados, sendo 120 mil metros quadrados de área construída

Já o telejornalismo existe na Globo desde a inauguração do canal, em 1965. O lançamento da Apolo 9<sup>1</sup> foi a primeira emissão em directo da emissora, via satélite. A tecnologia do satélite havia sido inaugurada dias antes, com a transmissão, a partir de Roma, de uma entrevista exclusiva com o Papa Paulo VI.

As transmissões internacionais fizeram muito sucesso, levando a Globo a instalar escritórios fora do Brasil. O primeiro foi nos Estados Unidos, em Nova Iorque, em 1973. Em 1974 foi montado um escritório no Reino Unido e, em 1977 na França, Argentina e Alemanha. Em 1982 foi inaugurado o segundo escritório nos Estados Unidos, em Washington. A Globo instalou-se ainda na Itália e, a partir de 2004, decidiu manter correspondentes na China e no Médio Oriente, em Israel. É essa a estrutura hoje mantida pela emissora fora do Brasil.

No início dos anos 80, a emissora, visando reduzir custos, concentrou em Londres sua produção jornalística na Europa, fechando os escritórios na Alemanha e na França. Na época foi fechado também o escritório de Buenos Aires, que seria reaberto mais de 20 anos depois, como ocorreu com a praça em Paris e na Alemanha, num esquema de reestruturação da cobertura internacional. No caso específico da Alemanha, o escritório foi reaberto em 2005, por conta do Mundial de Futebol 2006.

O director da Central Globo de Jornalismo, Carlos Henrique Schroder, disse que o próximo passo será colocar um correspondente na África do Sul, sobretudo motivado pela realização do Mundial de Futebol 2010. A emissora também tenta colocar um repórter em Cuba. No entanto, não consegue autorização do governo do país.<sup>2</sup>

Desde o início da formação dessa estrutura, a Globo passou a ter um jornalismo internacional com uma construção própria, feita por profissionais brasileiros, mesmo utilizando imagens e informações de agências na maioria das peças produzidas pelos escritórios no exterior. O telejornal de maior audiência na TV Globo é o Jornal Nacional (JN). É exibido de segunda a sábado em horário nobre, das 20h15 as 21h00. O programa situa-se entre duas novelas, na grelha de programação, e suas altas audiências, com médias nacionais de 40 pontos e 59% de *share of marketing*, o deixam praticamente sem concorrentes e o tornaram uma referência no telejornalismo brasileiro.

Por ser o Jornal Nacional um telejornal feito no Brasil, para brasileiros, ele tem algumas características próprias de agendamento. O país possui grandes diferenças sociais e um público extenso, que abrange todos os níveis de escolaridade, do mais letrado ao analfabeto.

O editor chefe do JN, Willian Bonner (2005), fala da necessidade de estar atento às diferenças e fazer com que a mensagem chegue a todos, sem ser muito complexa – para evitar que uma pessoa com poucos conhecimentos não a entenda, e nem muito didáctica – para que o assunto não se torne desinteressante para quem tem maior escolaridade.

No caso específico das reportagens feitas no exterior, de acordo com o editor do JN, Eric Hart<sup>3</sup>, o que norteia a peça é a relevância do tema para a população brasileira. A norma é que, em cada reportagem, fique claro porque é importante levar aos brasileiros uma notícia que acontece na China, no Japão ou noutra parte do mundo. A filosofia da Globo é sempre relativizar e mostrar o contexto de um acontecimento.

---

<sup>1</sup> Apolo 9 era um vaivém da NASA, cuja missão era fazer testes no espaço para o posterior envio de astronautas à Lua. (Memória Globo, 2004)

<sup>2</sup> Schroder, Carlos Henrique. Director da Central Globo de Jornalismo. Entrevista ao Jornal A Gazeta, em Julho de 2006.

<sup>3</sup> Hart, Eric. Editor internacional do Jornal Nacional. Comunicação pessoal. Entrevista feita em 15 de Dezembro de 2005, na sede da TV Globo, no Rio de Janeiro, Brasil.

O Jornal Nacional conta com centenas de jornalistas espalhados por emissoras em todo o território brasileiro, além de cerca de 30 profissionais que estão no exterior, entre técnicos, repórteres, operadores de câmaras, produtores e editores. A decisão sobre o que vai para o ar é tomada no Rio de Janeiro, onde fica a redacção do JN. São realizadas duas reuniões de pauta todos os dias, sendo uma pela manhã, às 10 horas, e outra à tarde, às 14 horas.

O trabalho diário referente aos acontecimentos internacionais começa cerca de 13 horas antes do jornal ir para o ar. Por volta das oito da manhã, um editor verifica da redacção o que as agências internacionais estão oferecendo em termos de imagens dos acontecimentos do dia. Cabe lembrar que, enquanto no Brasil ainda é muito cedo, em grande parte do mundo o dia já está avançado e, em algumas regiões, como o Japão, já é noite.

A Globo assina, em sua central, as agências *Reuters* e *Associated Press Television News* (APTN) e todos os jornais mais importantes do mundo, que são lidos via Internet. Além disso, os escritórios no exterior têm acessos a outras fontes de imagens. O escritório de Nova Iorque, por exemplo, tem acesso às imagens da rede ABC, já o de Londres tem acesso às imagens da BBC.

Após observar o que é disponibilizado pelas agências, o editor lê os jornais, portais informativos e blogues de referência, para saber o que está tendo maior destaque e repercussão. O profissional entra então em contacto com os escritórios da Globo pelo mundo e conversa com repórteres e produtores, para ouvir quais são as sugestões do dia e saber se há ainda mais notícias além das que ele conseguiu obter.

Com as informações em mãos, o editor participa na primeira reunião de pauta. É nessa hora que se define como será o Jornal Nacional naquele dia, ou seja, que notícias serão veiculadas.

Além do editor internacional, também participam outros jornalistas. Um deles é responsável por falar com as filiais de todo Brasil e saber o que acontece em cada região. Alguns editores das principais cidades brasileiras são chamados via rádio ou telefone para exporem pessoalmente o que acontece em suas respectivas áreas.

Com os assuntos do dia todos à mesa, as reportagens que serão feitas são definidas. Terminada a reunião, os escritórios no exterior são mais uma vez accionados, para darem andamento ao que foi determinado. Eles são informados das imagens disponíveis nas agências e orientados sobre como deverão proceder. Obviamente, esse roteiro varia de acordo com os acontecimentos no decorrer do dia e os temas são reavaliados na segunda reunião de pauta, que acontece no início da tarde.

Na verdade, um telejornal está sempre em aberto. Mesmo já estando no ar é possível incluir uma informação. É comum uma reportagem estar ainda sendo editada quando o programa já começou.

Em caso de eventos pré-agendados, como congressos e reuniões importantes, o pedido de cobertura já é definido com antecedência e o correspondente já sabe que naquele dia terá que efectuar determinada reportagem. Se ocorre um facto inesperado, num país onde a emissora não tem um escritório, a Globo imediatamente acciona o repórter que tiver maior facilidade e rapidez de chegar ao local. Para isso são analisadas a localização geográfica do jornalista, as disponibilidades de voos, a necessidade de haver também um operador de câmara. Além disso, como os escritórios no exterior atendem a todos os programas com conteúdos jornalísticos da Globo, algum repórter pode estar fazendo um trabalho para outro telejornal que não seja o JN. Nesse caso, também é accionado outro correspondente.

Nas primeiras décadas do Jornal Nacional, o deslocamento de uma equipa de reportagem, de um país para outro, representava um alto custo, devido ao material que era necessário ser transportado e à quantidade de pessoas que teriam que operá-lo. Somente a conta por excesso de bagagem nos aviões era altíssima. Hoje, com a evolução tecnológica, isso deixou de ser um

problema, pois o tamanho dos equipamentos reduziu e ficou mais fácil trabalhar com eles, dispensando a necessidade de haver muitos profissionais.

A Globo hoje opera frequentemente com reportagens mistas, ou seja, que misturam imagens compradas de agências e uma passagem gravada pelo próprio repórter correspondente, que também grava um texto que conduz a peça, para explicar aquelas imagens. Assim é possível dar uma roupagem direccionada ao público do Jornal Nacional, aos interesses inerentes aos telespectadores brasileiros, mesmo sem haver um operador de câmara acompanhando o jornalista.

No caso do correspondente em Israel, por exemplo, quase sempre ele mesmo grava suas passagens. Somente em situações mais relevantes, com mais valores-notícia, é que se disponibiliza um operador de câmara. Foi o caso, por exemplo, da morte do Presidente da Palestina, Yasser Arafat.

Quando a emissora manda um operador de câmara ela dá prioridade às imagens feitas por ele, em detrimento às das agências. Essas imagens muitas vezes são comercializadas para outras emissoras de todo mundo.

Como a Globo tem tradição em jornalismo internacional, ela mantém uma rede de empresas colaboradoras e profissionais *freelancer* cadastrados em diversos países, que operam de acordo com os padrões exigidos. Entre esses profissionais, estão até mesmo guias que falam línguas locais pouco conhecidas ou jornalistas estrangeiros que sugerem reportagens e oferecem peças. É uma grande rede de contactos, espalhada por todos os continentes.

Essas parcerias permitiram, por exemplo, que o Jornal Nacional fosse apresentado em directo do Vaticano, durante as celebrações de morte do Papa João Paulo II. O local para essa transmissão foi compartilhado com a APTN. A agência norte-americana tinha alugado o espaço e sub-alugou para emissoras parceiras.

Aliando uma rede construída ao longo dos anos e a tecnologia, as coberturas internacionais têm avançado. A evolução tecnológica e o surgimento da Internet fizeram a Globo investir em transmissão de dados digitais e também na montagem de programas de computador que facilitam o trabalho dos jornalistas.

Mas, apesar de toda a tecnologia, a transmissão via Internet não é tão rápida que possa extinguir de vez as transmissões de imagens via satélite. Uma emissão de 30 segundos, por exemplo, pode demorar até uma hora para ser gerada, porque os arquivos são muito pesados. Muitas vezes esse é um tempo enorme, por se tratar de telejornalismo. Pode ainda acontecer do arquivo chegar danificado. Além disso, as entradas em directo não são possíveis via Internet, em termos de qualidade, porque a imagem chega com atraso e fica distorcida na tela. A Globo chegou a fazer algumas transmissões em tempo real pela Internet, mas a ideia foi abortada porque o telespectador não tinha uma imagem como a que ele está acostumado a ver.

Portanto, o uso do satélite ainda ocorre, mas nem sempre é possível ou viável. Além do alto custo, no caso de áreas de guerra, por questões estratégicas dos países envolvidos, muitas vezes não é possível a comunicação via satélite. A prioridade é o envio de dados via Internet.

Por conta disso, a emissora criou o chamado "Kit Correspondente". Ele é composto por um computador portátil (*laptop*), um software de gravação, um software de redução para compactar os dados e uma câmara digital que pode ser ligada ao computador por meio de uma entrada USB<sup>4</sup>. O Kit possui ainda um sistema que permite a conexão à Internet e a transmissão de dados a partir de linha telefónica, cabo ou por meio de um satélite de baixa altitude e baixo custo, cuja frequência pode ser encontrada de qualquer lugar do globo terrestre. Esse satélite permite a conexão à Internet, sem a

---

<sup>4</sup> USB (*Universal Serial Bus*) é uma forma de comunicação entre o computador e seus periféricos. Uma porta USB pode conectar diversos dispositivos, como o rato, modem, teclado, impressora. (Pizzotti, 2003).

necessidade de cabos ou fios e, conseqüentemente, o envio de dados pela rede mundial de computadores.

De qualquer forma, com a tecnologia existente hoje, é possível um repórter deslocar-se para qualquer lugar do mundo e ele terá a garantia de que as imagens e o áudio vão chegar.

Enquanto esses problemas tecnológicos não são resolvidos, a Globo mantém horários diários de comunicação internacional via satélite, a partir de Londres e de Nova Iorque. De Londres, o canal fica aberto das 18h50 às 19 horas. É um tempo pequeno, mas, tratando-se de reportagens televisivas, é satisfatório. De Nova Iorque, o tempo de satélite é bem maior, já que há uma demanda grande por peças feitas nos EUA. O canal a partir dos Estados Unidos fica aberto das 18 horas até depois do final do JN, por volta das 21 horas. Isso permite entradas em directo e a geração de reportagens, mesmo quando jornal já está sendo exibido. Nos demais escritórios as transmissões são feitas quase que exclusivamente pela Internet, com raras exceções.

O facto de haver um canal de satélite aberto influencia no número de reportagens veiculadas no Jornal Nacional, originadas nos escritórios da Globo que podem contar com essa facilidade, conforme veremos a seguir.

### As notícias internacionais: o que é veiculado no Jornal Nacional

A base empírica deste estudo foi obtida a partir da análise de três meses do Jornal Nacional. Durante os meses de Agosto, Setembro e Outubro de 2005, foram gravadas as edições do JN veiculadas de segunda a sexta-feira. No Brasil, o telejornal vai para o ar também aos sábados. No entanto, as gravações foram feitas em Portugal, por meio do canal a Cabo GNT<sup>5</sup>, que exibia o programa apenas durante os dias de semana. Foram analisadas 66 edições. Também foram feitas entrevistas com profissionais da Globo ligados à produção do noticiário internacional do JN. Essas entrevistas foram realizadas em Dezembro de 2005, na sede da emissora, no Rio de Janeiro. Também foi muito útil para a elaboração do estudo, uma experiência pessoal obtida durante os anos em que trabalhei como jornalista de TV Globo, quando tive a oportunidade de produzir e editar reportagens para telejornais da emissora, entre eles o Jornal Nacional.

Durante o tempo de gravações foram veiculadas 1046 notícias, divididas na seguinte proporção: 604 peças<sup>6</sup> nacionais, 145 peças internacionais, 161 notas cobertas nacionais, 116 notas cobertas internacionais, 13 directos nacionais e sete directos internacionais, conforme mostra o gráfico 1.

Peças nacionais	Peças internacionais	Notas cobertas nacionais	Notas cobertas internacionais	Directos nacionais	Directos Internacionais
604	145	161	116	13	7

**Erro! Não é possível criar objectos a partir de códigos de campo de edição.**

Gráfico 1: Total de notícias veiculadas

Os dados mostram que o JN privilegia o noticiário brasileiro, com 58% de peças nacionais, 15% de notas cobertas nacionais e 13% de directos nacionais. O noticiário internacional foi

<sup>5</sup> O canal GNT, da Rede Globo, era exibido em Portugal pela TV Cabo desde 1998, no entanto saiu do ar no dia 31 de Março de 2006, sendo substituído por outro canal brasileiro, o Record Internacional. (Denicoli, 2006b).

<sup>6</sup> Está aqui referida como peça a reportagem feita pelo repórter, na rua, e não uma notícia feita por jornalistas na redacção, como acontece com as notas cobertas.

representado, no período, por 14% de peças internacionais, 11% de notas cobertas internacionais e 1% de directos internacionais.<sup>7</sup>

Temos então 778 notícias feitas no Brasil e 268 notícias do exterior:

Notícias nacionais 778	Notícias Internacionais 268
---------------------------	--------------------------------

**Erro! Não é possível criar objectos a partir de códigos de campo de edição.**  
Gráfico 1: Notícias nacionais e internacionais

Isso demonstra que mais de um quarto do Jornal Nacional é dedicado a assuntos que acontecem fora do Brasil. Das notícias sobre o estrangeiro veiculadas tem-se a seguinte distribuição:

Peças internacionais 145	Notas cobertas internacionais 116	Directos internacionais 7
-----------------------------	--------------------------------------	------------------------------

**Erro! Não é possível criar objectos a partir de códigos de campo de edição.**  
Gráfico 2: Notícias internacionais

Comparando o formato das notícias, e distinguindo se elas são referentes a assuntos nacionais ou internacionais, temos os seguintes quadros, demonstrados nos gráficos 4, 5 e 6:

Peças Nacionais 604	Peças Internacionais 145
------------------------	-----------------------------

**Erro! Não é possível criar objectos a partir de códigos de campo de edição.**  
Gráfico 3: Peças nacionais e internacionais

Notas cobertas nacionais 161	Notas cobertas internacionais 116
---------------------------------	--------------------------------------

**Erro! Não é possível criar objectos a partir de códigos de campo de edição.** Gráfico 4: Notas cobertas nacionais e internacionais

Directos Nacionais 13	Directos Internacionais 7
--------------------------	------------------------------

**Erro! Não é possível criar objectos a partir de códigos de campo de edição.**  
Gráfico 5: Directos nacionais e internacionais

Dos sete directos feitos no exterior, seis foram nos Estados Unidos e referiam-se ao furacão Katrina. Um foi feito no Japão e mostrou as celebrações dos 60 anos da bomba de Hiroshima.

#### *Análise das notas cobertas*

Analisando apenas as notas cobertas, observa-se que foram divulgadas imagens de 43 países. Algumas dessas notas abrangem mais de um país, dentro de uma mesma notícia. Numa das notas cobertas, que mostra uma mensagem gravada por um suposto membro da rede terrorista *Al Qaeda*, o local não é indicado. É possível observar que as imagens sobre o estrangeiro, que se transformam em notas cobertas, são, em quase sua totalidade, compradas de agências de notícias. Veja a tabela com o número de notas cobertas e os respectivos países que elas mostraram:

<sup>7</sup> Os dados percentuais estão arredondados.

LOCAL	NOTAS COBERTAS	PERCENTAGEM
EUA	26	23%
Iraque	10	9%
Reino Unido	9	8%
China	6	5%
Japão	5	4%
Espanha	4	4%
Egipto	3	3%
Finlândia	3	3%
Turquia	2	2%
Itália	2	2%
Paquistão	2	2%
França	2	2%
Alemanha	2	2%
Vaticano	2	2%
Portugal	2	2%
Austrália	1	1%
Grécia	1	1%
Arábia Saudita	1	1%
Coreia do Sul	1	1%
Peru	1	1%
República Dominicana	1	1%
Líbano	1	1%
Índia	1	1%
Colômbia	1	1%
Guatemala	1	1%
Israel	1	1%
Libéria	1	1%
Rússia	1	1%
Tailândia	1	1%
Irão	1	1%
Chile	1	1%
Holanda	1	1%
Cuba	1	1%
Equador	1	1%
Argentina	1	1%
Turquia/Roménia/Bélgica	1	1%
Indonésia/China/Bélgica	1	1%
Suíça/Austrália/Alemanha	1	1%
EUA/Venezuela	1	1%
EUA/Cuba	1	1%
Roménia/Bélgica	1	1%
Tailândia/China	1	1%
Portugal/Espanha/França	1	1%
Croácia/China	1	1%
EUA/Iraque	1	1%
Indonésia/Egipto/Israel	1	1%
Sem local divulgado	1	1%

Tabela 1: Notas cobertas

Há uma predominância de imagens dos Estados Unidos. Depois vem o Iraque, seguido pelo Reino Unido, China, Japão e Espanha. Juntos, esses países representam 53% das notas cobertas. As notas referentes aos Estados Unidos abrangem temas variados, como decisões da ONU, notícias sobre a economia norte-americana, sobre furacões, política do governo do Presidente George Bush, acções da NASA e até mesmo a morte do jornalista Peter Jennings, desconhecido no Brasil. Isso demonstra a força do valor-notícia dos assuntos que envolvem os norte-americanos.

Cabe aqui lembrar Ramonet (2000) e sua análise sobre a divulgação de ideais dos Estados Unidos, pelas séries produzidas naquele país, que difundem os valores norte-americanos pelo mundo. Há ainda a questão do imperialismo das comunicações e seu conseqüente imperialismo cultural, observado por Galtung (1977), que analisou o controlo das agências de notícias pelas nações de «centro».

As notícias sobre o Iraque referem-se, quase sempre, a atentados terroristas, o que realça os valores-notícia daquele país, ligados às guerras, conflitos e actos de fundamentalistas islâmicos, segundo a perspectiva da visão ocidental. Do Reino Unido mostrou-se muito sobre o caso Jean Charles<sup>8</sup>, que manteve na agenda as discussões sobre o terrorismo.

Relativamente à China, houve cobertura sobre a exploração espacial, a visita do Ministro da Indústria e Comércio do Brasil, além de eventos climáticos e a inundação de uma mina de carvão, que colocou em risco a vida de trabalhadores. Nota-se que a China é vista como uma grande potência mundial, que dispõe de tecnologia, e como um país estratégico em termos económicos mundiais.

Do Japão, falou-se em política do país, terremotos e dos 60 anos do lançamento da bomba de Nagasaki. O país é retratado como estratégico e forte no continente asiático, mas ainda é lembrado pelas catástrofes da 2ª Guerra Mundial.

### *Análise das peças*

Com base nos conceitos de valores-notícia, propostos por Galtung e Ruge (1999), Wolf (1999) e Traquina (2004), e estudos de Schlesinger (1993), foi feita uma classificação livre, por critérios de noticiabilidade, que mostra como é montada a agenda de notícias do JN, de acordo com os temas abordados nas peças feitas no estrangeiro. Foram encontradas 21 variáveis. Alguns casos mais frequentes foram nominados de acordo com o critério de «continuidade», como o caso do brasileiro Jean Charles de Menezes, e também o caso da agente secreta norte-americana, Valerie Plame Wilson, que teve o nome revelado. Também há a variável “série especial”, que engloba notícias sobre temas escolhidos pela equipa do Jornal Nacional, como a série Educação no Mundo e a série sobre países latino-americanos, conforme os «critérios relativos ao meio de comunicação».

Os temas foram classificados da seguinte forma:

VALOR JORNALÍSTICO	NÚMERO DE PEÇAS	PERCENTAGEM
Catástrofe ambiental	35	24%
Economia ou política estrangeira	19	13%
Guerra	10	7%
Ameaça ou ataque terrorista	9	6%
Político brasileiro em viagem ao exterior	8	6%
Exploração espacial	8	6%
Data importante ou notícia histórica	7	5%
Caso Jean Charles	5	3%
Eventos desportivos mundiais	5	3%
Desportistas brasileiros em destaque no exterior	4	3%
Corrupção	4	3%
Série especial	4	3%
Descoberta científica	4	3%
Acidente	4	3%
Caso inusitado	3	2%
Prémio	3	2%
Declaração de autoridade ou celebridade	3	2%
Política nuclear	3	2%
Caso da agente secreta da CIA que teve o nome revelado	3	2%
Gripe das aves	2	1%
Morte de autoridade ou celebridade	2	1%

Tabela 3: Temática das notícias do JN

<sup>8</sup> Jean Charles de Menezes foi o brasileiro assassinado em Londres pela polícia britânica no dia 22 de Julho de 2005, confundido com um terrorista.

As reportagens sobre catástrofes ambientais são as que representam maior número e atingem 24% do total. Isso pode ser explicado pelo facto da amostragem ter sido feita durante o período de furacões nos Estados Unidos e também quando ocorreu o terramoto no Paquistão, no dia oito de Outubro de 2005. Das 35 reportagens sobre catástrofes ambientais 28, ou seja, 80%, falam dos furacões que atingiram a costa norte-americana.

As reportagens sobre economia e política estrangeira abrangem principalmente os países mais desenvolvidos, as chamadas «nações do centro» (Galtung, 1977). No item “guerra”, a totalidade das peças fala das disputas entre palestinianos e judeus. Já o tema “ameaças e ataques terroristas” aborda em sua maioria actos ocorridos no Iraque, além de dois casos na França de prédios de imigrantes africanos incendiados, um ataque Checheno na Rússia e uma bomba que explodiu em Israel. Foram classificadas como notícias sobre terrorismo as que mostravam o uso de violência por indivíduos ou grupos, motivado por preconceito, questões políticas ou contra a ordem estabelecida.

O Jornal Nacional também considera importante, com base nos valores-notícia, peças sobre políticos brasileiros que realizam viagens oficiais ao exterior; sobre a exploração espacial; datas importantes, como os 60 anos da Bomba de Hiroshima, e peças que remetem para factos históricos, como o caso do pedido da Igreja Ortodoxa para a realização de um referendo para decidir se corpo de Lenine, o grande nome da Revolução Russa, deveria ser enterrado ou continuar envolto num caixão de vidro, exposto na Praça Vermelha, em Moscovo; eventos desportivos mundiais, como os Grandes Prémios de Fórmula 1; desportistas brasileiros que se destacam no exterior; peças sobre corrupção envolvendo governos ou entidades; descobertas científicas; acidentes, como quedas de aviões, ou como o caso do submarino russo que encalhou deixando a tripulação em risco; prémios conquistados pela própria Globo ou prémios importantes como o Nobel; declarações polémicas de pessoas famosas ou autoridades, como as declarações do Papa; notícias referentes às políticas nucleares; a morte de pessoas importantes ou conhecidas; factos de grande repercussão e que ocupam os noticiários por muito tempo, como o caso Jean Charles e o caso da agente da CIA que teve o nome revelado, ou temas como a gripe das aves; séries especiais sobre um determinado assunto, como a série sobre educação no mundo, que mostrou modelos educacionais que deram certo, e a série sobre os países da América Latina, que envolveu aspectos políticos, económicos e sociais.

Das 145 peças feitas no estrangeiro, 137 foram feitas pelos escritórios da Globo no exterior e oito por repórteres enviados do Brasil. Do total, a maioria das reportagens foi feita pelos correspondentes dos Estados Unidos, conforme mostra o gráfico 7:

ESCRITÓRIOS	NÚMERO DE PEÇAS	PERCENTAGEM
EUA	69	47%
ISRAEL	19	13%
FRANÇA	13	9%
REINO UNIDO	12	8%
CHINA	8	6%
ALEMANHA	7	5%
ITÁLIA	5	3%
ARGENTINA	4	3%
ENVIADOS DO BRASIL	8	6%

**Erro! Não é possível criar objectos a partir de códigos de campo de edição.**

Gráfico 6: Número e percentagem de peças feitas por cada escritório

## Análise escritório por escritório

*Estados Unidos:*

O escritório dos Estados Unidos é o que mais veicula peças no Jornal Nacional. Ao analisar este quadro, é preciso levar em conta que a Globo mantém um número maior de profissionais nos Estados Unidos do que noutros escritórios no estrangeiro. Além disso, a Globo possui duas bases no país: Nova Iorque e Washington. O escritório de Nova Iorque é o mais antigo da emissora no exterior.

Em apenas uma das peças analisadas um correspondente do Estados Unidos viajou para outro país para fazer uma cobertura. Foi Luís Fernando Silva Pinto, que acompanhou a visita do Presidente brasileiro, Luís Inácio Lula da Silva, à Guatemala. Mas, apesar dos repórteres não se deslocaram, isso não significa que todas as peças feitas pelos correspondentes em terras norte-americanas sejam referentes aos Estados Unidos. Muitas vezes, pelo facto de determinado tema envolver directamente ou indirectamente os Estados Unidos, os correspondentes do país são accionados para construir a reportagem. Como exemplo tem-se o caso do submarino russo que encalhou na Rússia. A reportagem foi fechada nos EUA, pois o país foi accionado para ajudar no resgate. O mesmo ocorreu no caso do terramoto do Afeganistão, quando diversos países ofereceram ajuda. Houve ainda uma reportagem que falava da política nuclear do Irão, quando o país decidiu reabrir uma usina. É clara a adversidade entre os governos do Irão e dos Estados Unidos, sobretudo no que diz respeito às questões nucleares. Outra peça fechada pela equipa dos Estados Unidos foi a que falou sobre o vencedor do Prémio Nobel da Paz, o egípcio Mohammed el Baradei. El Baradei foi premiado junto com a Agência Internacional para Energia Atómica, órgão da ONU, da qual era director, e tem uma estreita ligação com os Estados Unidos, tendo feito um doutoramento na Universidade de Nova Iorque.

Há também temas que são muito relevantes para a agenda do JN, como as descobertas científicas, muito difundidas por universidades norte-americanas, e as questões referentes ao espaço, das quais a NASA é uma das principais fontes no mundo. No caso dos furacões, houve uma intensa cobertura da Globo, que superou em número de reportagens a catástrofe do terramoto no Paquistão, que também teve proporções enormes com milhares de vítimas.

Como a Globo tem um canal de satélite diário e com um tempo amplo para receber o sinal dos Estados Unidos, a transmissão de dados via Internet não é a mais usada, ao contrário do que ocorre nos demais escritórios espalhados pelo mundo. Além disso, pela facilidade do sinal, dos sete directos Internacionais, seis foram feitos dos EUA, sem que isso representasse um acréscimo no custo da transmissão, uma vez que o canal está sempre disponibilizado.

#### *Israel:*

No Médio Oriente, o escritório da Globo em Jerusalém é composto apenas por um correspondente. Durante o período de análise o repórter era Marcos Losekann. Como ele trabalha geralmente sem um operador de câmara, utiliza quase sempre imagens de agências e grava apenas uma passagem. 53% das peças feitas por Losekann mostraram conflitos entre judeus e palestinos. Atentados terroristas também estão sempre em pauta. O repórter fez muitas reportagens sobre a questão do Iraque, apesar de não ter se deslocado de Israel durante o período analisado. Todas as peças foram fechadas de Jerusalém. Mesmo uma que falou sobre um ataque checheno no sul da Rússia teve a passagem gravada em Israel.

#### *França:*

O repórter João Pedro Pães Leme foi um dos que mais se deslocou, saindo do país onde é correspondente. Além de reportagens feitas na França, ele esteve uma vez na Espanha, duas vezes em Portugal e três vezes no Reino Unido. Paes Leme foi a Londres durante períodos em que o responsável pelo escritório britânico, Marcos Uchôa, estava viajando para cumprir outras pautas.

*Reino Unido:*

Das 12 reportagens feitas pelo correspondente Marcos Uchôa, apenas três foram no Reino Unido. Ele foi deslocado para cobrir o terramoto no Paquistão, esteve na Croácia acompanhando a selecção brasileira de futebol, foi à Rússia cobrir a visita do Presidente Lula e aproveitou o facto de estar em Moscovo para fazer uma reportagem sobre a polémica em torno do corpo de Lenine, e esteve ainda na Irlanda fazendo uma peça para a série sobre educação no mundo.

Apesar de não possuir a estrutura que a Globo mantém nos Estados Unidos, o escritório de Londres é o principal da Europa, mesmo porque foi o único mantido em funcionamento na década de 80, no Velho Mundo. É interessante observar que o facto do repórter ter estado na Rússia proporcionou que a peça sobre Lenine fosse feita. Caso contrário, dificilmente a Globo deslocaria uma equipa para cobrir o caso e, se o assunto fosse veiculado, seria em nota coberta.

*China:*

Em Pequim, a correspondente Sônia Bridi é responsável pela cobertura da Ásia. Como acontece em Israel, ela costuma fechar muitas peças com imagens de agências e passagem gravada na China. Isso ocorreu com assuntos referentes à Coreia do Norte, Japão, Paquistão, e Vietname. Ela apenas se deslocou duas vezes: uma para Tóquio, para cobrir as eleições parlamentares japonesas, e outra para a Coreia do Sul, para a série sobre educação no mundo. Por estar na Ásia, um universo ainda misterioso para os brasileiros, a repórter teoricamente teria mais chances de conseguir veicular reportagens curiosas sobre o país, conforme disse a editora do JN, Beth Costa<sup>9</sup>, mas isso não esteve reflectido no agendamento do JN, durante os meses observados.

*Alemanha:*

Quando o escritório da Alemanha foi reaberto, incentivado pela realização do Campeonato Mundial de Futebol 2006, foi enviado para lá o jornalista Renato Ribeiro, que começou o trabalho como correspondente internacional no país um ano antes da competição. A ideia era que ele acompanhasse os preparativos para o mundial e fosse mais um repórter disponível para demais coberturas na Europa.

Renato Ribeiro falou de Mundial, de corrupção no futebol alemão, mas também abordou temas como as eleições alemãs, que renderem três peças. Ele ainda viajou para a Espanha, para cobrir a chegada do jogador de futebol Robinho à equipa do Real Madrid, e foi à Suíça acompanhar na ONU a apresentação, por parte do governo brasileiro, do relatório sobre os direitos humanos no Brasil.

*Itália:*

O escritório da Itália tem como correspondente Ilze Scamparini. Além da cobertura sobre o Vaticano, a jornalista falou sobre corrupção no futebol italiano. Ela viajou para outros países por duas vezes. Em uma das viagens ela esteve em Portugal, onde acompanhou a visita do Presidente brasileiro. Também esteve na Alemanha, quando o Papa, pela segunda vez na história, visitou uma sinagoga.

*Argentina:*

O correspondente na Argentina, Alberto Gaspar, foi o que menos teve peças veiculadas no Jornal Nacional no período analisado. Ele falou sobre a Cimeira das Américas, a estreia do programa

---

<sup>9</sup> Costa, Beth – Editora Internacional do Jornal Nacional. Comunicação pessoal. Entrevista feita em 15 de Dezembro de 2005, na sede da Rede Globo, no Rio de Janeiro.

do ex-jogador de futebol Diego Maradona na TV argentina, e viajou para o Chile, onde fez uma reportagem para uma série especial sobre os países latino-americanos.

#### *Enviados do Brasil:*

Os editores do JN explicaram que alguns núcleos de jornalismo da Globo, como São Paulo, têm autonomia para enviar repórteres ao exterior. Geralmente as editorias de desporto possuem jornalistas especializados que cobrem eventos mundiais, como a Fórmula 1. Pode ocorrer também o caso de algum repórter ser enviado por um programa e fazer peças para outros telejornais, como foi o caso da cobertura dos 60 anos da bomba de Hiroshima, quando Carlos Dornelles fez peças para vários programas, inclusive alguns de entretenimento, e também fez uma grande reportagem para o Globo Repórter, além da peça e o directo para o Jornal Nacional.

### **Análise geral dos dados empíricos**

Para chegar a uma análise geral dos dados aqui expostos, é importante observar que, conforme mostraram as entrevistas feitas com profissionais da Globo, a primeira referência que os editores do Jornal Nacional têm em cada dia de trabalho não vem directamente dos repórteres, mas sim das agências internacionais de notícias, de jornais estrangeiros e sites de referência, que indicam a eles o que está tendo mais destaque no mundo. Só depois dessa verificação é que os jornalistas que estão no exterior são contactados. Ou seja, a construção do noticiário está subordinada às construções mediáticas dos principais veículos de comunicação do mundo (independente da tecnologia). Mesmo porque a utilização de imagens das agências de notícias é ainda muito forte.

As peças feitas exclusivamente com imagens compradas do exterior representam 43% do noticiário internacional exibido pelo JN. Além disso, as reportagens feitas pelos correspondentes, em geral, são montadas também com imagens compradas. Somente em casos extremos e considerados com um peso jornalístico muito grande é que são mandados operadores de câmara exclusivos da Globo. Nas demais peças, quase sempre há imagens de agências, o que mantém o noticiário preso ao que é ditado pelas agenda internacional.

Vê-se, portanto, que a pauta é ditada pelas agências de notícias internacionais e o trabalho dos correspondentes demonstra isso. O facto de um repórter estar em determinado local não quer dizer que o factor “proximidade geográfica”, identificado por Wolf (1999) e por White (1999), possa influenciar o resultado final do JN, em termos de assuntos abordados. Os valores-notícia continuaram com o mesmo peso.

A tecnologia digital permitiu a expansão dos jornalistas para fora do eixo Estados Unidos-Europa, levando profissionais a Jerusalém, Pequim e Buenos Aires. Mas, mesmo com correspondentes nesses lugares, não houve mudanças de relevo em relação ao que é veiculado.

Em Israel as notícias são quase que exclusivamente voltadas para conflitos entre os povos ali presentes e actos de terrorismo que envolvem questões religiosas e étnicas. Esses temas dominam a agenda mundial de notícias. Os demais acontecimentos daquela região parecem não ter força jornalística suficiente para ocupar um espaço dentro do Jornal Nacional.

No caso da China, a editora internacional do JN, Beth Costa, chegou a afirmar que, por ser um mundo “desconhecido” as peças ali produzidas poderiam encontrar menos resistência para serem veiculadas no programa. Mas não é isso que foi verificado na amostra utilizada para esta análise. A maioria das reportagens feitas pela correspondente Sônia Bridi, que fica em Pequim, refere-se a questões nucleares e de guerra. Os únicos momentos em que foi possível falar da sociedade “desconhecida” foi quando a jornalista cobriu as eleições parlamentares japonesas e precisou situar o telespectador sobre o que é o Japão, mostrando um pouco da cultura local, embora o foco principal da peça fosse político. As eleições parlamentares japonesas também ocupam um espaço importante

na agenda internacional de notícias. De Buenos Aires, as poucas peças veiculadas também seguiram o agendamento internacional das agências.

Na Europa, alguns escritórios foram reabertos após a era da digitalização e a Globo ampliou a rede de repórteres no continente. No entanto, as peças exibidas também não trouxeram novidades que pudessem ser interpretadas como novas no agendamento de notícias.

No caso dos Estados Unidos, há uma predominância no JN de reportagens que envolvem aquele país e isso ocorre pelo facto da Globo ter montado lá uma estrutura maior do que em qualquer outro local no estrangeiro e por haver um canal de satélite da Globo disponível para a comunicação com os EUA por um tempo maior do que acontece nos demais países. Há de ser considerada ainda a posição quase central que os norte-americanos ocupam nas agendas mediáticas de todo o planeta. Também é notável a ligação entre a emissora e os Estados Unidos, desde o seu nascimento, e a amostra observada confirma que essa ligação ainda é muito presente.

### **Conclusão**

A Globo, ao ultrapassar as fronteiras nacionais, o fez em duas frentes: como exportadora de produtos televisivos e como produtora de notícias fora do Brasil, com o objectivo de alcançar o mercado brasileiro com um produto jornalístico diferenciado.

O poder político da Globo, uma administração eficiente e a falta de concorrentes que ameaçassem o seu domínio, transformaram a emissora numa das maiores empresas televisivas do mundo. Actualmente a Rede é composta por 121 filiais que cobrem 99,85% dos municípios brasileiros. Opera 24 horas por dia no ar, com a maior parte da programação feita em seus próprios estúdios. Chega ainda a 130 países, por meio da Globo Internacional, um canal pago, distribuído via satélite. No horário nobre, 88% dos programas exibidos são de produção própria, o que equivale a fazer dois mil longas-metragens por ano. Nesse horário, de cada 100 televisores ligados no Brasil, 75 estão sintonizados na Globo. A emissora possui cerca de oito mil funcionários, sendo a metade desse total voltada para a criação directa dos programas próprios. O jornalismo conta com 28% dos investimentos da Globo em recursos humanos e envolve 2 mil profissionais, espalhados pelo Brasil e pelo mundo.<sup>10</sup>

Nos anos 90, com a digitalização, a emissora pôde rever sua rede de profissionais espalhados pelo mundo. Conseguiu reabrir o escritório em Buenos Aires, ampliar o número de escritórios na Europa e colocar jornalistas no continente asiático e no Médio Oriente, além de disponibilizar de uma estrutura mais ágil, que criou condições de viagens para coberturas em diversos países próximos às áreas onde instalou escritórios.

Esses escritórios muitas vezes não são um espaço físico e se reduzem a um repórter e seu equipamento – um kit correspondente, com ferramentas que permitem a filmagem, edição e transmissão de imagens e sons digitais, através de conexões por cabo ou telefone e também por satélites de baixa altitude, voltados para serviços de Internet.

Mesmo assim, as agências de notícias ainda são muito importantes na construção do noticiário internacional do JN, que continua a seguir o agendamento ditado por essas empresas. No entanto, os correspondentes procuram formatar a informação com uma linguagem particular, voltada para o público brasileiro.

O agendamento do JN privilegia grandes catástrofes ambientais, a economia e política, guerras e terrorismo. Também têm espaço no telejornal as missões desenvolvidas por políticos brasileiros no exterior, temas sobre exploração espacial, datas históricas do calendário mundial, descobertas científicas de universidades conceituadas, entre outros, como os eventos desportivos, declarações

<sup>10</sup> <http://redeglobo3.globo.com/institucional>, acesso em 5 de Setembro de 2006.

polémicas de celebridades, prêmios que a Globo recebe e premiações importantes, como o Prêmio Nobel, casos inusitados, mortes de pessoas notáveis e questões de saúde que ultrapassam as fronteiras dos países. Peças culturais específicas ficam restritas às séries especiais ou à contextualização de um acontecimento mais global.

### **Bibliografia**

- Barbosa, Marialva; Ribeiro, Ana Paula (2005). Telejornalismo na Globo: Vestígios, Narrativa e Temporalidade. In Brittos, Valério; Bolaño, César R. S. (Org). *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. Paulus, São Paulo.
- Bolaño, César (2003). *Políticas de comunicação e economia política das telecomunicações no Brasil: convergência, regionalização e reforma* (2ª ed). Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.
- Bonner, Willian (2005) *Meio Homer, meio Lineu. Sobre a necessidade de ser claro*. Observatório da Imprensa. [Em linha]  
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=358JDB004>. Acesso em 20 de Agosto de 2005.
- Borelli, Sílvia H (2005). Telenovelas: Padrão de Produção e Matrizes Populares. In Brittos, Valério; Bolaño, César R. S. (Org). *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. Paulus, São Paulo.
- Brittos, Valério Cruz (2005). Globo, Transnacionalização e Capitalismo. In Brittos, Valério; Bolaño, César R. S. (Org). *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. Paulus, São Paulo.
- Capparelli, Sérgio; Santos, Suzi (2005). *O setor audiovisual brasileiro: entre o local e o internacional*. Revista de Economia Política de las Tecnologias de La Información y Comunicación, 2 (1).
- Castells, Manuel (2004). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Castells, Manuel (2001). *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (5ª ed). In A Sociedade em rede (v. 1). Paz e Terra, São Paulo.
- Castells, Manuel; Ince, Martin (2004). *Conversas com Maniel Castells*. Campo das Letras, Porto.
- Denicoli, Sergio (2006a). *O jornalismo internacional da TV Globo e as assimetrias de fluxo*. VII Lusocom, Santiago de Compostela.
- Denicoli, Sergio (2006b). *Globo vs Record: A guerra se expande até Portugal*. Observatório da Imprensa. [Em linha]  
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=375TVQ001>. Acesso em 12 de Julho de 2006.
- Denicoli, Sergio. (2005) *De fora para dentro: Reunião de pauta do Jornal Nacional*. Observatório da Imprensa. [Em linha]  
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=359TVQ006>. Acesso em 15 de Julho de 2006.
- Dias, Márcia Tostas (2005). Rede Globo e Indústria Fonográfica: Um Negócio de Sucesso. In Brittos, Valério; Bolaño, César R. S. (Org). *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. Paulus, São Paulo.
- Hoineff, Nelson (1991). *TV em expansão*. Record, Rio de Janeiro.
- Kotler, Philip (2000). *Administração de Marketing* (10ª ed). Prentice Hall, São Paulo.
- Mattelart, Armand (1991). *A Comunicação Mundo: Histórias das Ideias e das Estratégias*. Instituto Piaget, Lisboa.

- Mattelart, Armand; Mattelart, Michèle (2002). *História das Teorias da Comunicação* (2ª ed). Campo das Letras, Porto.
- Melo, José Marques de (1988). *As Telenovelas da Globo: Produção e Exportação* Summus Editorial, São Paulo.
- Memória Globo (2004). *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- Mota, Regina; Tome, Takashi (2005). Uma nova onda no ar. In Barbosa Filho, André; Castro, Cosette; Tome, Takashi (Org). *Mídias Digitais: Convergência tecnológica e inclusão social*. Paulinas, São Paulo.
- Pizzotti, Ricardo (2003). *Enciclopédia Básica da Mídia Eletrônica*. Senac, São Paulo.
- Rebouças, Edgard (2005). América Latina: Um Território Pouco Explorado e Ameaçador para a TV Globo. In Brittos, Valério; Bolaño, César R. S. (Org). *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. Paulus, São Paulo.
- Ramonet, Ignacio (2000). *Propagandas Silenciosas: Massas, televisão, cinema*. Campo das Letras, Porto.
- Sousa, Helena (1999). *Time-Life/Globo/SIC: Um Caso de Reexportação do Modelo Americano de Televisão?* [Em linha] [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt). Acesso em 10/01/2005.
- Temer, Ana Carolina (2002). *Notícias e Serviços: Um Estudo Sobre o Conteúdo dos Telejornais da Rede Globo*. Intercom, Salvador.

Sites:

- [www.obervatoriodaimprensa.com.br](http://www.obervatoriodaimprensa.com.br) – Observatório da Imprensa
- [www.globo.com](http://www.globo.com) – Rede Globo

Comunicações Pessoais:

- Costa, Beth. Editora internacional do Jornal Nacional. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em Dezembro de 2005.
- Hart, Eric. Editor do Jornal Nacional. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em Dezembro de 2005.
- Matos, Ricardo. Supervisor de operação do Jornal Nacional. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em Dezembro de 2005.